

Algumas variantes adiaforas em *Esau e Jacó*, de Machado de Assis

Some adiaphora variants in *Esau and Jacob*, by Machado de Assis

Resumo: No arquivo da Academia Brasileira de Letras, existem testemunhos autógrafos dos romances de Machado de Assis, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. Do ponto de vista codicológico, são manuscritos muito semelhantes, que se mostram como versões próximas das publicadas em vida de Machado, as edições da Garnier, em 1904 e 1908. Destes romances existem também edições críticas, preparadas pela Comissão Machado de Assis, instituída em 1958, para elaborar o texto definitivo das obras deste autor. A edição de *Esau e Jacob* é de 1976 e a de *Memorial de Aires* de 1977. Uma leitura atenta dos manuscritos, o seu confronto com as edições publicadas em vida de Machado e com os textos fixados pela Comissão Machado de Assis, permite descobrir lições até agora ignoradas. Neste texto, apresentarei e discutirei quatro casos de *Esau e Jacó*, em que o autógrafo e a 1ª edição contêm o que pode ser designado como variantes adiaforas, examinando as opções tomadas pela Comissão de Machado de Assis e por editores mais recentes, propondo uma leitura e fixação para cada um dos casos, apenas possibilitadas pelo regresso ao estudo do autógrafo.

Abstract: In the archive of the Brazilian Academy of Letters, there are autograph testimonies of the novels of Machado de Assis, *Esau and Jacob* and *Counselor Aires' Memorial*. From the codicological point of view, they are very similar manuscripts, which show themselves as versions close to those published in Machado's lifetime, the Garnier editions in 1904 and 1908. There are also critical editions of these novels, prepared by the Machado de Assis Commission, set up in 1958 to prepare the definitive text of the author's works. The edition of *Esau and Jacob* dates from 1976 and that of *Counselor Aires' Memorial* from 1977. A careful reading of the manuscripts, their confrontation with the editions published during Machado's lifetime and with the texts fixed by the Machado de Assis Commission, revealed lessons hitherto ignored. In this text, I will present and discuss four cases of *Esau and Jacob*, in which the autograph and the 1st edition contain what can be designated as adiaphora variants, examining the options taken by the Machado de

Assis Commission and by more recent editors, proposing a reading for each of the cases, anchored in the examination and study of the autograph.

Palavras-chave: *Esau e Jacó*; Machado de Assis; variantes adiaforas; transmissão; texto-base

Keywords: *Esau and Jacob*; Machado de Assis; adiphora variants; transmission; copy-text

1. Introdução

No arquivo da Academia Brasileira de Letras, existem testemunhos autógrafos dos dois últimos romances de Machado de Assis, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*. Do ponto de vista codicológico, os manuscritos são idênticos, ambos constituídos maioritariamente por fólios de papel almaço japonês¹ pautado, escritos só de um lado em linhas alternadas – *Esau e Jacó* tem 834 fólios, o *Memorial de Aires*² tem 468. O papel usado não é, no entanto, o mesmo em todos os fólios, uma vez que é possível distinguir diferentes marcas d'água. A letra é bastante legível, a tinta preta, e o texto está, por vezes, riscado, contendo também notas em francês (cf, p.e., <https://machado.addition.pt/esau.jsp#237;manuscript>).³ As correcções e anotações são feitas a lápis-grafite ou a lápis azul (cf., a mesma imagem).⁴ Os fólios estão numerados sequencialmente, encontrando-se a numeração com frequência rasurada (cf, p.e, <https://machado.addition.pt/esau.jsp#240;manuscript>). Alguns

¹ A informação foi prestada pela arquivista da Academia Brasileira de Letras Juliana Amorim.

² Apesar de o título dos romances, nos manuscritos, ser *Esau e Jacob* e *Memorial de Ayres*, por razões de simplificação actualizo, neste texto, a grafia dos títulos.

³ Silva afirma que essas anotações serão provavelmente os nomes dos tipógrafos que realizaram a primeira composição do romance, e terão, portanto, sido feitas por estes. SILVA, A. C. S. "*Esau e Jacob* e *Memorial de Ayres*: manuscritos que viajam", *Machado de Assis em Linha*, n. 26, abril 2019. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212019000100125&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 11 jan. 2022.

⁴ Schoeps atribui essas anotações ao próprio Machado de Assis, uma vez que se encontram, nos livros da sua biblioteca, trechos destacados a lápis de cor vermelha ou azul. Silva (Ibid.), salienta, diversamente, o facto de algumas dessas anotações estarem em francês, sendo a letra muito diferente da de Machado, pelo que as atribui, como se disse, aos tipógrafos. SCHOEPS, L. *As vozes sem boca no manuscrito do cenógrafo Machado de Assis: Esau e Jacob*. São Paulo. 2016. Tese (Doutorado em Língua e Literatura Francesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016. doi: 10.11606/T.8.2017.tde-14032017-144107. Acesso em: 04 jul.2023, p. 76,

dos fólhos têm uma dimensão superior à comum, em resultado da colagem de folhas de papel, idênticas às do fólho principal, na extremidade inferior deste (cf., p.e., <https://machado.addition.pt/esau.jsp#343;manuscript>). O testemunho de *Esau e Jacó* tem ainda, intercaladas ao longo do texto, sete folhas sem numeração, com a indicação ULTIMO em corpo de letra grande, maiúscula, no meio do fólho. Por baixo, em cada uma delas, a indicação «por / Machado de Assis / (da Academia Brasileira)» - cf., p.e., <https://machado.addition.pt/esau.jsp#106;manuscript>.

Tanto o fluxo da tinta como a mancha gráfica são muito regulares, como é característico de outros autógrafos conhecidos de Machado.⁵ Independentemente de ser admissível a existência de outros testemunhos que materializassem tanto o texto de *Esau e Jacó* como o de *Memorial de Aires*, seja numa fase de redacção anterior, seja posterior, perante os testemunhos chegados até hoje, podemos concluir que se trata de manuscritos de trabalho que juntam, em si, várias etapas da escrita. Trata-se de assunto já estudado e que não vou agora desenvolver.⁶

Além destes testemunhos autógrafos, em vida de Machado de Assis foram também publicadas, e por si controladas, as edições da Garnier, em 1904 e 1908. De *Esau e Jacó* existiram duas edições em vida de Machado de Assis, ambas de 1904. Estas duas edições são, segundo indicação no prefácio da edição crítica da autoria da Comissão Machado de Assis, "absolutamente idênticas, sem quaisquer diferenças [...], nenhum acréscimo, nenhuma emenda";⁷ já o *Memorial de Aires* terá tido apenas uma edição em vida de Machado, em 1908 – ano da sua morte –, sendo que as segunda (datada de Junho de 1909), terceira (datada de 1923) e quarta "provêm, indubitavelmente, da mesma composição tipográfica"⁸ da primeira edição. As diferenças que apresentam são apenas nas folhas de rosto, e na datação. Mantêm,

⁵ Cf., a propósito de *Linha reta e linha curva*, SILVA, A. C. S. *A gênese de um conto de Machado de Assis. "Linha reta e linha curva": Edição crítica e genética de um conto de Machado de Assis*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 39.

⁶ Cf. SCHOEPS, L., op. cit., p. 95; NUNES, A., "Entre a crítica genética e a crítica literária, a propósito de uma edição eletrônica de *Esau e Jacó*". *Machado de Assis em Linha*, vol. 13, n. 29, 2020, pp. 82-83. Disponível em <https://www.scielo.br/j/mael/a/MD8bjBJC6FZxyYBJvzShXBr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2023.

⁷ ASSIS, M. de. *Esau e Jacob*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL (Comissão Machado de Assis), 1976 [1904], p. 14-15.

⁸ ASSIS, M. de. *Memorial de Ayres*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL (Comissão Machado de Assis), 1977 [1908], p. 30.

aliás, erros da primeira edição, apesar das recomendações feitas por Machado à casa editora.⁹

Destes romances de Machado de Assis, como dos demais, existem, como se disse, edições críticas, levadas a cabo pela Comissão Machado de Assis, instituída em 1958, com o fim de elaborar o texto definitivo das obras deste autor. A edição de *Esaú e Jacob* é de 1976 e a de *Memorial de Aires* de 1977, tendo a Comissão feito o confronto das 1^{as} edições com os testemunhos autógrafos para a fixação do texto, registando as diferenças encontradas no competente aparato crítico.

Nos últimos anos, tenho-me dedicado a um projecto que inclui a realização de edições genéticas, críticas e electrónicas destes romances machadianos, o que me levou a uma leitura atenta tanto dos manuscritos como ao seu confronto com as edições publicadas em vida de Machado e com os textos fixados pela Comissão Machado de Assis.

Vou hoje concentrar-me em *Esaú e Jacob* e em quatro casos específicos em que há variação entre as lições do manuscrito e as da 1^a edição, discutindo as soluções encontradas pelos editores até hoje e apresentando as minhas propostas. Para este estudo, consultei um pouco mais de 20 edições de *Esaú e Jacob*, desde a edição crítica até edições digitais, independentemente do seu grau de fiabilidade.¹⁰ O que me interessa é ver o modo como os diferentes editores trataram estes quatro casos específicos, que identifiquei e selecionei por serem casos em que se podia entender estarmos perante variantes adiaforas.

2. Variantes adiaforas?

Na crítica textual, classificam-se como variantes adiaforas aquelas lições divergentes que se apresentam ao editor do texto com uma correcção, uma autenticidade ou uma legitimidade que faz com que não possam ser por ele postas em causa.¹¹ Estas variantes resultam, em princípio, de um erro invisível, mas fazem sentido no texto, pelo que não são identificáveis como erros e passam facilmente por lições originais, dificultando ao editor a escolha de qual será a certa. O conceito de

⁹ Ibid.

¹⁰ Cf. Anexo 1.

¹¹ BLECUA, A., *Manual de crítica textual*. Madrid: Editorial Castalia, 1983.

variante adífora é particularmente útil nos casos de tradições complexas de original ausente, possibilitando a distinção entre diversas famílias de testemunhos e contribuindo para a fixação do *stemma codicum*, importante, por seu lado, para ajudar o editor a escolher a variante a fixar.

Não estamos aqui, no entanto, perante situações de original ausente, em que o processo de transmissão é complexo e não controlado autoralmente, mas antes perante casos em que há divergência entre testemunhos autorais - o manuscrito e uma edição revista pelo autor antes da publicação. O paralelismo com a ideia de variante adífora justifica-se, no entanto, na medida em que são duas lições que fazem sentido no texto, sendo que apenas uma será a desejada pelo autor. Haverá uma delas que, ainda que tendo passado pelo crivo autoral, deve ser afastada, por não corresponder ao que o autor teria escrito.¹² Há que não esquecer que, mesmo nestes casos, há, na edição, uma multiplicidade de sujeitos envolvidos na produção da obra,¹³ pelo que a figura do autor não será a única a considerar¹⁴ - o que justifica, aliás, uma vez mais, o paralelismo com conceitos aplicáveis aos casos de original ausente, em que o processo de transmissão tem importância fundamental, como o de variante adífora. Ou seja, mesmo nos casos em que haja intervenção autoral em todas as fases do processo de edição não é de se excluir a possibilidade de o livro reproduzir deficientemente o manuscrito,¹⁵ embora se possa admitir que as duas lições sejam "ambas autênticas e merecedoras de figurar na edição crítica", dado que cada uma delas poderá representar "momentos diferentes da composição"¹⁶ do texto pelo seu autor. Assim, em caso de divergência entre duas lições autorais, qual deverá ser o texto-base quando se dispõe de um manuscrito final com uma lição e de uma

¹² Salva a hipótese, que não pode ser por vezes excluída, de o autor querer escrever duas coisas diferentes e pretender que circulem textos diferentes, ambos da sua autoria. Não é isto, no entanto, o que pretendo analisar.

¹³ Gaskell realça que os compositores dos livros até ao século XIX pelo menos desempenham um papel em certa medida parecido com o dos copistas de tradições manuscritas. GASKELL, P. *A new introduction to Bibliography. The classic manual of bibliography*. Delaware: Oak Knoll Press, 1995, p. 343.

¹⁴ PINO, C., "Crítica genética: o que interpretar?" *Revista Desenredo*, v. 10, n. 2, 2014, p. 267. Disponível em: <<https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4196>>. Acesso em: 4 jul. 2023.

¹⁵ Caso em que o editor crítico, como salienta Ivo Castro, "restaura o texto autorizado do manuscrito e presta serviços que nenhum autor, mesmo do túmulo, pode deixar de agradecer". CASTRO, I. *Metodologia do aparato genético*, Lisboa: Colibri, 2001.

¹⁶ Ibid.

primeira edição em que o autor participou com outra, como acontece em alguns casos de *Esau e Jacó*?

Duas posições podem ser defendidas: por um lado, pode entender-se que o texto-base deverá ser o manuscrito, onde se podem verificar as características de escrita do autor, desde a ortografia, às construções sintáticas.¹⁷ Essas características perdem-se na produção tipográfica do texto, onde intervêm outras pessoas - o compositor, o tipógrafo, o revisor, que tanto podem introduzir erros susceptíveis de escapar à revisão autoral, como podem impor características próprias da editora¹⁸ (contemporaneamente, em Portugal, por exemplo, a necessidade de adaptação da grafia ao Novo Acordo Ortográfico de 1990, que faz com que, em muitas edições actuais de autores que não lhe obedecem na sua escrita, sejam introduzidas alterações).

Por outro lado, e em sentido divergente, Philip Gaskell defende que a escrita do manuscrito é apenas uma fase do processo, sendo a revisão das provas finais uma fase mais adiantada, e que, portanto, reflecte melhor a intenção final do autor, sendo essa então a lição a adoptar numa edição posterior. Apesar de distinguir entre variantes substantivas e acidentais, nas quais se incluem a ortografia, o uso de maiúsculas ou a pontuação, relativamente às quais a última versão poderá não ser a mais autorizada, por não ter tido intervenção autoral, resultando estas variantes do descuido ou zelo do compositor,¹⁹ Gaskell conclui que, quanto mais vezes tenha o texto sido revisto, mais provável é que as alterações tenham sido introduzidas pelo autor, e, portanto, que seja a última versão aquela que deve ser tomada como texto-base.²⁰

Na escola genética portuguesa, Ivo Castro defende um princípio geral para a escolha da lição a fixar no texto crítico parecido com o de Gaskell, embora admita a possibilidade do seu afastamento perante o caso concreto. De acordo com Castro, a

¹⁷ Note-se, no entanto, que há autores como T. S. Eliot ou Marcel Proust que entendem que "a posteridade não precisava de conhecer por que processos ele[s] compunha[m] as suas obras: contentasse-se com o produto final". Ibid.

¹⁸ Cf. Idem. *Editar Pessoa*. 2.^a edição. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013, pp. 71-72.

¹⁹ GASKELL, P., Op. Cit., p. 339.

²⁰ "In any case, the more heavily a text has been revised, the more likely it becomes that alterations to the accidentals as well as to substantives were made by the author, not by the printer, and should therefore be incorporated in the edited text". Ibid., p. 342.

"mais autorizada de todas as lições autênticas é a mais recente, aquela que representa a intenção do autor tal como foi, pela última vez, materializada através da escrita".²¹ Ao chamar a atenção para a materialização através da escrita, Ivo Castro pretende afastar-se do conceito de intenção final do autor, sempre questionável, limitando-se a "constatar qual foi a derradeira lição em relação à qual o autor não teve dúvidas transmitidas ao papel".²² A propósito do caso de Camilo Castelo Branco, mas em termos extrapoláveis para outros de que se conheçam tanto manuscritos autógrafos como edições publicadas em vida do autor e por este controladas, Castro afirma que, ainda que se possa admitir que algumas das variantes "nasceram na tipografia [...], estas puderam ser vistas, ponderadas e aprovadas por Camilo"; pelo que mesmo que seja admissível que possam "ter passado pelos interstícios da sua [do autor] atenção, [...] nunca saberemos isso ao certo, pelo que prudente será dar-lhes [às variantes nascidas na tipografia] guarida entre as revisões autorais".²³ Castro opta, portanto, pela última versão revista pelo autor como texto-base a utilizar na fixação do texto crítico.

Influenciada por esta escola de pensamento, era, de facto, esta a posição que pensava assumir nas edições críticas de *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires* em que tenho estado a trabalhar. As edições tomariam como texto-base o texto das 1^{as} edições, o último em que sabemos que Machado interveio activamente. Apenas haveria intervenção editorial em casos em que o erro autoral fosse evidente, problemas de concordância, por exemplo. No entanto, o contacto com os testemunhos fez-me duvidar desta opção, designadamente ao verificar que o autor comete erros tanto no processo de escrita criativa (como todos nós) como no de cópia que nele se insere (no caso dos autógrafos machadianos o facto de os manuscritos incluírem várias fases de redacção implica necessariamente, em alguns passos, que haja cópia) como ainda na fase de revisão. Nas palavras de Cristina Sobral,

[e]sperar que ele [o autor] chegue a detectar e emendar todos os erros que cometeu, em operações de revisão sobre autógrafo ou mesmo

²¹ CASTRO, op. cit., p. 99.

²² Ibid.

²³ CASTRO, I. "Introdução". In C. C. Branco. *Amor de Perdição*, ed. genética e crítica de Ivo Castro, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007, p. 114.

sobre cópias de mão alheia ou provas tipográficas ("carefully revised"), seria esperar dele uma eficácia que, na prática, enfrenta diversas contingências e que o conhecimento actual sobre autógrafos mostra ser uma expectativa excessivamente optimista.²⁴

Tratando-se de correcção de provas tipográficas, mais provável ainda é o erro autoral, uma vez que, como Timpanaro afirma, o autor é o pior corrector de provas tipográficas, porque é quem tem o seu texto mais presente, sendo, portanto, quem menos provavelmente irá relê-lo palavra a palavra.²⁵ A probabilidade de ocorrência de um erro autoral causado por distração, aqueles que entram na classe dos erros óbvios e em que o crítico textual poderá intervir,²⁶ será, então, superior nestes casos. A intervenção do editor terá de ser, em qualquer caso, cautelosa, considerando o "*usus scribendi*, [...] a cultura do autor, [...] a coerência interna do original e [...] outros fatos que realmente comprovem ter sido o erro ocasionado por alguma momentânea distração".²⁷

Deste modo, sendo o objectivo de uma edição crítica, ainda que apoiada em material genético, a reconstrução da vontade autoral, esta não será necessariamente aquela que ficou documentada, mas poderá ser a "que ele teria certamente manifestado se tivesse podido ter consciência de todos os seus erros acidentais, que evidentemente o autor não quer que cheguem ao leitor".²⁸ A opção pela lição mais antiga ou mais recente não poderá, creio, ser cega, mas terá de ser casuística. Se, como princípio e ponto de partida, concordo que optar pela lição do último testemunho controlado pelo autor é a opção mais defensável, casos há em que esta decisão deve ser afastada.

²⁴ SOBRAL, C. "Estemática em português: termos, história, conceitos". *Estudos de Linguística Galega*, v. 8, p. 205-227, p. 212. Disponível em: <<https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/2759>>. Acesso em: 04 jul. 2023.

²⁵ TIMPANARO, S. *Il lapsus freudiano. Psicanalisi e critica testuale*, Firenze, La Nuova Italia, 1975, p. 145. Também Gaskell reconhece que "[a]uthors are not professional correctors and they do not always read their proofs with consistent care. Some pages are better read than others, some with reference to copy, some without" (GASKELL, Op. cit., p. 359-60).

²⁶ Cfr. CUNHA, C. "Sobre a tipologia dos erros ou variantes em crítica textual". In: _____. *Sob a pele das palavras*. Org. Cilena da C. Pereira, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ABL, 2004, p. 332; DIONÍSIO, J. *Doença bibliográfica*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2021, p. 107.

²⁷ CUNHA. Ibid.

²⁸ SOBRAL, op. Cit., p. 213.

3. *Esaú e Jacó*

Vejamos os 4 casos de *Esaú e Jacó* que escolhi analisar e as decisões editoriais tomadas relativamente a cada um deles.

3.1. O primeiro caso pareceria relativamente simples, pois trata-se de um erro de cálculo simples, cuja correção não deveria levantar dúvidas.²⁹ Note-se, aliás, que se trata de um caso em que não há divergência entre o manuscrito (<https://machado.addition.pt/esau.jsp#32;manuscript>) e a 1ª edição, ambos comportando o erro. Trata-se de um excerto do capítulo terceiro:

Capítulo 3

[...] À porta da sacristia que dava para a rua, ao deixar cair o reposteiro azul escuro debruado de amarelo, não ouviu mais nada. Viu um mendigo que lhe estendia o chapéu roto e sebento; meteu vagarosamente a mão no bolso do colete, também roto, e aventou uma moedinha de cobre que deitou ao chapéu do mendigo, rápido, às escondidas, como quer o Evangelho. Eram dous vinténs; ficavam-lhe mil novecentos e **noventa e oito réis**.

A edição crítica mantém a lição dos testemunhos, incluindo embora uma nota em que diz que edições posteriores à 1ª corrigiram o montante final para **mil novecentos e sessenta réis**, uma vez que um vintém equivalia a vinte réis. Dois vinténs serão então quarenta réis. Dois mil réis, o valor dado por Nóbrega como esmola, menos quarenta réis, o valor dado por Nóbrega como esmola, é igual a mil novecentos e sessenta, valor com que Nóbrega ainda fica. Trata-se de uma mera questão aritmética, em que Machado se terá enganado e que não haverá razão para não corrigir. Note-se, no entanto, que, como referi, a edição crítica da Comissão Machado de Assis, apesar de notar o erro, mantém a lição autoral, não a alterando. O mesmo faz, aliás, grande parte das edições que consultei (18 de 21), que mantêm a lição 1998, discutindo ou não o assunto. Apenas as edições de Cavalcanti Proença (sem data), a

²⁹ É esta a regra que, por exemplo, o Código Civil português estabelece no seu artigo 249º, quando diz, "O simples erro de cálculo ou de escrita, revelado no próprio contexto da declaração ou através das circunstâncias em que a declaração é feita, apenas dá direito à rectificação desta".

da Jackson de 1955 e a de Massaud Moisés de 1962³⁰ optam pela correcção, escolhendo todas as edições mais recentes a manutenção do texto escrito por Machado. Neste caso, a minha opção será, em princípio, a correcção para mil novecentos e sessenta réis, por ser um caso em que me parece indiscutível a existência de um erro autoral, que Machado teria corrigido se dele se tivesse apercebido.

3.2. O segundo caso ocorre no capítulo 48^{o31}(<https://machado.addition.pt/esau.jsp#347;critical>), quando se diz: "[Flora] Via, ouvia, **[Ms. sorria][1 corria]**, esquecia-se do resto para se meter consigo". Trata-se de um caso curiosíssimo, em que a quase totalidade das edições segue a lição do manuscrito, sem sequer a problematizar. Isto acontece mesmo com a edição crítica da Comissão Machado de Assis, que nem no aparato crítico regista a lição divergente da 1ª edição. Uma das excepções a esta prática é a edição *online* disponível em machadodeassis.net, da responsabilidade de Marta de Senna, que opta pela lição do manuscrito, mas inclui uma nota editorial em que assinala que

na primeira e segunda edições, assim como na edição de 1988, preparada por Adriano da Gama Kury, está "corria". Na da Comissão Machado de Assis, está "sorria", sem qualquer nota explicativa, mas atendendo a uma possível interpetração do que está no manuscrito. Preferiu-se aqui "sorria" por parecer este verbo fazer mais sentido do que "corria", tanto no contexto específico quanto no que diz respeito à personalidade contemplativa da personagem Flora.³²

As outras duas excepções são a edição de 2012, com prefácio de Hélio Seixas Guimarães, e a tradução espanhola de 2020, que fixam, respectivamente, "Via, ouvia, **corria**, esquecia-se do resto para se meter consigo" e " Veía, oía, **corría**, olvidábase del resto para encerrarse en sí misma", seguindo portanto o disposto na 1ª edição.

³⁰ Cf. Anexo 1.

³¹ Havendo divergência entre as lições do manuscrito e da 1ª edição, incluirei cada uma delas entre parêntesis rectos, [Ms.] para a do manuscrito, [1] para a da 1ª edição.

³² ASSIS, M. de. *Esau e Jacó*. Machadodeassis.net, 2010. Disponível em: https://machadodeassis.net/texto/esau-e-jaco/13998/comment_id/15312. Acesso em: 27 jan. 2023.

Apesar de concordar com a fixação do texto tal como está no manuscrito, confesso a minha estranheza perante a opção editorial de nem sequer discutir esta fixação, sobretudo quando a generalidade das edições afirma ter cotejado o texto com o da 2ª edição, que tem "corria" como lição. Na edição crítica, a falta de registo, no aparato, da lição das 1ª e 2ª edições, faz-me pensar ter-se tratado de um lapso, e que essa forma escapou à Comissão. Quanto às demais, o facto de não serem textos críticos explica que tenham, provavelmente, seguido o texto fixado na edição crítica da Comissão Machado de Assis, optando silenciosamente por essa lição. Já eu tenho que confessar ter-se tratado de um dos pontos em que mais hesitei, mesmo porque a lição do manuscrito não me parece inequívoca; apenas a comparação com outras palavras começadas por *c* e *s* me levou a apontar definitivamente para que se esteja perante um *s* inicial, sendo a palavra, de facto, *sorria* (Fig. 1). Aliás, é esta a leitura de Luciana Schoeps, na sua tese de doutoramento em que edita o manuscrito.³³

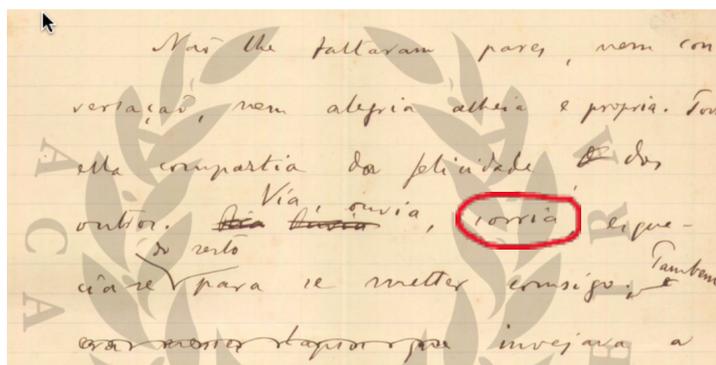


Fig. 1. Manuscrito autógrafa de Esaú e Jacó.

Fonte: Academia Brasileira de Letras, Arquivo Machado de Assis, fl. 329, disponível em:
<http://servbib.academia.org.br:8084/arquivo/index.html>

A lição *corria* terá sido, creio, um erro do tipógrafo na 1ª edição, não corrigido por Machado nas provas, um daqueles casos que, recuperando as palavras de Ivo Castro antes citadas, terá "passado pelos interstícios da sua atenção"³⁴. O facto de ser uma variante que pode ser considerada adiáfora, uma vez que, do ponto de vista sintáctico, a alternativa da primeira edição é inteiramente válida, terá também

³³ SCHOEPS, op. cit., p. 351 e 462.

³⁴ CASTRO, 2007, p. 114.

contribuído para a desatenção machadiana. A justificação dada por Marta de Senna, do sentido contextual que cada uma das palavras faz, leva-me a com ela concordar e a optar pela lição do manuscrito.

3.3. No terceiro caso que pretendo analisar, há, novamente, uma divergência entre as lições do manuscrito e da 1ª edição. Trata-se do capítulo 87, onde se lê: "(...) **[Ms. Vivia][1 Ouvia]** as palavras trocadas ainda agora" (<https://machado.addition.pt/esau.jsp#627;critical>). A edição crítica da Comissão Machado de Assis escolhe, aqui, a lição do manuscrito. A indicação que é dada na Introdução crítico-filológica é a de que o texto-base tanto poderá ser o manuscrito como uma das edições em vida, sendo a eleição por um deles fundada:

- a) já em fatos da história externa que habilitem a certeza de que a tradição, o membro em causa, era a preferida do autor ou foi aquela em que sentiu a forma melhor da sua comunicação;
- b) já - nos casos em que todas as tradições mereceram os cuidados pessoais do autor - no cotejo interno das variantes e diferenças das lições textuais.³⁵

A edição crítica segue então, neste ponto, o manuscrito, assinalando no aparato a lição da 1ª edição - mostrando assim que a conhece -, pelo que será um caso em que a Comissão entendeu haver razão para a eleição do manuscrito como texto-base, ainda que não justifique especificamente ao leitor a opção tomada neste caso.

Todas as demais edições que consultei optam pela lição da 1ª edição, como, aliás, faço também. Mais uma vez trata-se de uma variante que pode ser considerada adiáfora, uma vez que qualquer uma das palavras respeita critérios sintáticos e semânticos na frase. No entanto, considerando o contexto em que a passagem aparece no capítulo, designadamente a existência de uma conversa anterior entre Aires e Flora, a lição "ouvira" parece adequada à situação e cumprir todos os requisitos de conformidade que dela se esperam. Além disto, a palavra é bastante legível no manuscrito (Fig. 2), fazendo com que seja menos provável que tenha havido um erro do tipógrafo nas provas - que teria passado *vivia* a *ouvira*, à semelhança do que

³⁵ ASSIS, M. de. *Esau e Jacob*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL (Comissão Machado de Assis), 1976 [1904], p. 34.

entendo que terá feito com *sorria / corria* -, e que, portanto, a variante resulte de uma intervenção explícita de Machado de Assis.

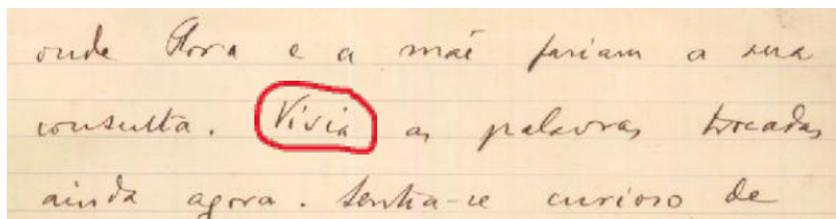


Fig. 2. Manuscrito autógrafo de *Esau e Jacó*. Fonte: Academia Brasileira de Letras, Arquivo Machado de Assis, fl. 600, disponível em: <http://servbib.academia.org.br:8084/arquivo/index.htm>

3.4. O quarto e último caso será o mais complexo, e aquele em que me inclino a tomar uma posição isolada e divergente de toda a fortuna editorial machadiana até agora. Trata-se do capítulo 113^o, intitulado "Uma Beatriz para dous" (<https://machado.addition.pt/esau.jsp#787;critical>):

Flora, se visse os gestos de ambos, é provável que descesse do céu, e buscasse maneira de os **[Ms unir][1 ouvir]** perpetuamente, uma Beatriz para dous. Mas não viu ou não lhe pareceu bem descer. Talvez não achasse necessidade de tornar cá, para servir de madrinha a um duelo que deixara em meio.

Note-se que, neste caso, todas as edições que consultei fixam a lição da 1^a e a edição crítica nem sequer identifica a lição *unir*, como sendo a do manuscrito, o que poderá indicar (mais) um erro de leitura da própria Comissão. O facto de nenhuma das edições de *Esau e Jacó* até agora ter visto o manuscrito explicará a unanimidade na escolha da lição. Luciana Antonini Schoeps, que editou parcialmente o manuscrito na sua tese de doutoramento, lê *unir*, como eu.³⁶

Ora, considerando o contexto em que a palavra se insere, a briga constante entre os dois gémeos, a própria referência, nas linhas seguintes ao "duelo" entre eles, e o papel que Beatriz desempenha na obra de Dante (é ela a Beatriz aqui aludida), a

³⁶ SCHOEPS, op. cit., p. 358.

palavra *unir* parece-me a lição certa e aquela que deverá constar do texto fixado. Beatriz é vista, para Dante e por Dante, como um "instrumento da Revelação"³⁷, aquela que, mesmo depois de morta, continua a zelar por Dante e que o conduzirá à salvação, à purificação da sua alma. Mais do que um papel passivo de observação do comportamento de Dante, Beatriz guia Dante de modo a que a ele possa atingir o Divino, a plenitude. Ora, se Flora é "uma Beatriz para dous", Flora não se limitará a ouvir cada um dos dois gémeos, mas pretenderá a sua conciliação, um modo de ultrapassarem as suas divergências terrenas e alcançarem a harmonia e a paz que lhes permitirão chegar a Deus.

A lição *ouvir* na 1ª edição pode ter sido suscitada não só pela semelhança gráfica entre as palavras, designadamente entre o *n* (de *unir*) e o *v* (de *ouvir*) como por poder ser vista como uma *lectio faciliior*, em que o tipógrafo, como agente de transmissão, poderá ter incorrido, facilitada pelo muito maior número de ocorrências desse verbo no texto (38) contra apenas uma ocorrência - esta - do verbo *unir*. Opto, então, neste caso, pela lição do manuscrito. Espero não estar a incorrer no erro editorial, também identificado por Celso Cunha,³⁸ de forçar uma *lectio difficilior* onde ela não existe.

4. Conclusão

Os casos que aqui apresento permitem chegar a duas conclusões. Em primeiro lugar, a de que a escolha do texto-base de uma edição crítica e a obediência à mesma não pode ser cega e tem, muitas vezes, de sofrer desvios.³⁹ Creio que é esta a posição seguida pela própria Comissão Machado de Assis, na sua formulação relativamente ambígua quanto ao texto que toma como texto-base. Em casos em que há variação entre os vários testemunhos fidedignos, com alternativas que cumpram, qualquer delas, todos os requisitos para serem consideradas certas, impõe-se a utilização de outros critérios, que correm o risco de ser subjectivos. A subjectividade não pode nunca, na verdade, ser excluída de nenhuma edição, uma vez que, como

³⁷ GRAÇA MOURA, V. "Introdução". In ALIGHIERI, D. *A Divina Comédia*. Tradução de Vasco Graça Moura, Lisboa: Quetzal, 2011, p. 25.

³⁸ CUNHA. op. cit., p. 337.

³⁹ O que estará aqui em causa é uma "terceira via" entre a escolha da última ou da primeira variante não recusada pelo autor, advogada por Richard Zenith para a edição de Fernando Pessoa, que opta por uma "escolha subjectiva, sem preconceitos quanto ao privilégio a conceder" àquelas variantes (DIONÍSIO, op. cit., p. 21).

acção humana, a intervenção editorial é necessariamente subjectiva.⁴⁰ Necessário é que todos os dados sejam facultados ao leitor, de modo a que ele possa também fazer o seu juízo subjectivo e aferir a escolha do editor

Em segundo lugar, a necessidade de emendar erros de escrita, ainda que accidentais, não deve ser vista como um "contratempo" ou uma "inconveniência".⁴¹ Ainda que, como na história do crítico literário contada por Bowers,⁴² possa ser indiferente saber qual a palavra efectivamente escrita por um autor, desde que haja uma aceitação generalizada quanto a uma delas,⁴³ a correcção de um erro ou a opção por uma variante, quando ambas podem, do ponto de vista semântico e sintáctico, estar certas no textos, fará, nas palavras de Gaskell, "the editor think hard about what his author really mean". E isso é, como afirma o mesmo autor, "in the end [...] what bibliography is all about".⁴⁴ É também o que espero ter feito com este texto e fazer na minha edição de *Esau e Jacó e Memorial de Aires*: pensar o que Machado de Assis terá escrito e querido dizer no seu texto.

Referências

Blecua, A. **Manual de crítica textual**. Madrid: Editorial Castalia, 1983.

Bowers, F. "Textual criticism and the literary critic". In **Textual and literary criticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1966, pp. 1-34.

Castro, I. "O retorno à filologia". In Pereira, C. da C. e Pereira, P. R. D. (Org.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in Memoriam Celso Cunha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, pp. 511-520.

⁴⁰ Cf. CASTRO, I. "O retorno à filologia". In: PEREIRA, C. da C. e PEREIRA, P. R. D. (Org.). *Miscelânea de Estudos linguísticos, filológicos e literários in Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, pp. 511-520, p. 515-16.

⁴¹ GASKELL, Op. cit., p. 360, fala em "misfortune".

⁴² BOWERS, F. "Textual criticism and the literary critic". Cambridge: Cambridge University Press, 1966, p. 2.

⁴³ "Whether Shakespeare wrote 'sallied' (that is 'sullied') flesh or 'solid' flesh was of no importance at all. He [o crítico] personally had read 'solid' all his life, found it quite satisfactory, and saw no reason for changing. Whether it was technically right or wrong did not affect the argument that the Folio phrase got itself generally accepted. People were used to it. Moreover the 'essential values' of *Hamlet* the play were not at all affected by retaining the conventional reading here" (Ibid.).

⁴⁴ GASKELL, op. cit., p. 360.

Castro, I. "Metodologia do aparato genético". In Simões, M.; Castro, I. e Pinto-Correia, J. D. (ed.). **Memória dos Afectos (Homenagem a Giuseppe Tavani)**. Lisboa: Colibri, 2001, pp. 69-81.

Castro, I. "Introdução". In Branco, C. C. **Amor de Perdição**, ed. genética e crítica de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

Castro, I. **Editar Pessoa**, 2.^a edição. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

Cunha, C. "Sobre a tipologia dos erros ou variantes em crítica textual". In _____. **Sob a pele das palavras**. Org. Cilene da C. Pereira, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ABL, 2004, pp. 329-340.

Dionísio, J. **Doença bibliográfica**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2021.

Gaskell, P. **A new introduction to Bibliography. The classic manual of bibliography**. Delaware: Oak Knoll Press, 1995.

Graça-Moura, V. "Introdução". In: Alighieri, D. **A Divina Comédia**. Trad. de Vasco Graça-Moura. Lisboa: Quetzal, 2011, pp. 9-27.

Assis, M. de. **Esau e Jacob**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL (Comissão Machado de Assis), 1976 [1904].

Assis, M. de. **Memorial de Ayres**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL (Comissão Machado de Assis), 1977 [1908].

Assis, M. de. **Esau e Jacó**. Machadodeassis.net, 2010. Disponível em https://machadodeassis.net/texto/esau-e-jaco/13998/comment_id/15312. Acesso em: 27 jan. 2023.

Nunes, A. "Entre a crítica genética e a crítica literária, a propósito de uma edição eletrônica de *Esau e Jacó*". **Machado de Assis em Linha**, vol. 13, n. 29, 2020, pp. 79-93. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mael/a/MD8bjBJC6FZxyYBJvzShXBr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jan. 2023.

Pino, C. A. "Crítica genética: o que interpretar?". **Revista Desenredo**, v. 10, n. 2, 2014, p. 267. Disponível em <<https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4196>>. Acesso em: 4 jul. 2023.

Schoeps, L. **As vozes sem boca no manuscrito do cenógrafo Machado de Assis: Esau e Jacob**. 2016. 606 f. Tese (Doutorado em Letras).

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Silva, A. C. S. da. **A gênese de um conto de Machado de Assis. "Linha reta e linha curva": Edição crítica e genética de um conto de Machado de Assis.** Campinas: Unicamp, 2003.

Silva, A. C. S. da. "*Esau e Jacob e Memorial de Ayres: manuscritos que viajam*". **Machado de Assis em Linha**, n. 26, abril 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212019000100125&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 11 jan. 2022.

Sobral, C. "Estemática em português: termos, história, conceitos". **Estudos de Linguística Galega**, v. 8, p. 205-227, 2016. Disponível em: <<https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/2759>>. Acesso em: 04 jul. 2023.

Timpanaro, S. **Il lapsus freudiano. Psicanalisi e critica testuale.** Firenze: La Nuova Italia, 1975.

Anexo 1

Lista das edições consultadas

- Rio de Janeiro, S. Paulo, Bahia: Editôra Civilização Brasileira, 1954. Ed. Octavio Mangabeira (é um resumo da obra)
- Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M Jackson, 1955. Ed. de Ary de Mesquita
- São Paulo: Editôra Cultrix, 1962, 2^a edição. Ed. de Massaud Moisés
- *Esau and Jacob*. Berkeley: U of California P, 1965. Ed. e trad. de Helen Caldwell
- Rio de Janeiro: Ediouro, Editora Tecnoprint, 1966 (cotejado com a 2^a edição Garnier). Biografia, introd. e notas de M. Cavalcanti Proença
- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. Edição crítica estabelecida pela Comissão Machado de Assis
- São Paulo: Ática, 1977, 2^a ed.
- Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982
- Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2002, 2^a impressão
- São Paulo: Editora Globo, 1997
- Lisboa: Universitária Editora, 1999
- São Paulo: Editora Martin Claret, 2001
- *Dom Casmurro. Esaú e Jacó*. Lisboa: Relógio d'água, 2008
- *Esaú y Jacob*. Trad. espanhola. Elaleph.com, 2010
- Edição Eletrônica Livro Acesso, 2011
- São Paulo: Editora Schwarcz, 2012. Introd. Hélio Guimarães
- SIMPLISSIMO, Clássicos da Literatura, 2012
- *Esaú e Jacó. Os romances de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2014, pp. 1187-1395. Prefácio e fixação de texto de Luís Augusto Fischer. Notas de Olívia Barros de Freitas.
- https://machadodeassis.net/texto/esau-e-jaco/13998/chapter_id/16688, ed. Marta de Senna (consultado a 27 de Janeiro de 2023)
- <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000030.pdf> (consultado a 10 de Outubro de 2022)

- https://pt.wikisource.org/wiki/Esa%C3%BA_e_Jac%C3%B3/CXIII
(consultado a 10 de Outubro de 2022)
- <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> (consultado a 10 de Outubro de 2022)
- Unama: Universidade da Amazônia. Le Livros, s/ data